

MOVIMENTOS INDÍGENAS NA SENDA DAS CRENÇAS DO BEM VIVER E A TERRA SEM MALES¹

INDIGENOUS MOVEMENTS THROUGH THE BELIEFS OF GOOD LIVING AND EARTH WITHOUT EVIL

MOVIMIENTOS INDÍGENAS DETRÁS DE LAS CREENCIAS DEL BUEN VIVIR Y LA TIERRA SIN MAL

Ademario Ribeiro

Doutorando e Mestre em Ciências da Educação, Especialista em Educação, Licenciado em Pedagogia, Escritor (Poeta e Teatrólogo), Diretor Teatral, Ambientalista, Fundador da Associação ARAUANÁ e da Associação Muzanzu, é indígena do Povo Payayá. – ademariorieiro2015@gmail.com

Resumo

O bem viver, mais que uma ética, trata-se de uma poética que tem sido defendida em diferentes contextos desde o viver indígena. Neste texto, defende-se seu potencial educacional a partir dos movimentos indígenas, como postura de acolhimento e do ressoar as vozes ancestrais de Abya Yala. O artigo constituiu um diálogo desde os mitos reunidos em Ayyú Rapyta às demais crenças dos povos falantes do Tupi e Guaraní, como a Yby Marã Eyma e da Yvy Marãey, isto é, da “Terra sem Males” ou “Terra Indestrutível” – às cosmovisões e profecias como “A Queda do Céu”. Aborda as dimensões do bem viver, desde seu sentido religioso, passando pelo poético, pelo mítico e chegando à sua relação com o desenvolvimento. Esse remete às noções, crenças, cosmogonias, mitos e narrativas que fazem parte das histórias e culturas dos ameríndios. Da promessa do viver bem à “Terra dos males”, o artigo busca sinalizar para a importância dos povos indígenas na constituição dessa outra possibilidade de existência.

Palavras-chave: Narrativa poética, Cosmogonias, Povos indígenas.

Abstract

Good living, more than an ethics, is a poetics that has been defended in different contexts since the indigenous living. In this paper, the educational potential of good living is defended in this paper from the perspective of the indigenous movements, as a welcoming posture and the resonance of Abya Yala's ancestral voices. The paper constituted a dialogue from the myths gathered in Ayyú Rapyta to the other beliefs of the Tupi and Guaraní-speaking peoples, such as Yby Marã Eyma and Yvy Marãey, that is, from “Earth Without Evil” or “Indestructible Earth” - to cosmoviews and prophecies like “The Fall from Heaven”. It addresses the dimensions of good living, from its religious sense, through the poetic, the mythical senses and reaching its relationship with development. This refers to the notions, beliefs, cosmogonies, myths and narratives that are part of the histories and cultures of the Amerindians. From the promise of living well to the “Earth of evils”, the paper seeks to signal the importance of indigenous peoples in the constitution of this other possibility of existence.

Keywords: Poetic narrative, Cosmogonies, Indigenous peoples.

Resumen

El buen vivir, más que una ética, se trata de una poética que ha sido defendida en diferentes contextos desde el vivir indígena. En este texto, defiende su potencial educativo a partir de los movimientos indígenas, como postura de acogimiento y de resonancia de las voces ancestrales de Abya Yala. El artículo constituyó un diálogo desde los mitos recogidos en Ayyú Rapyta a las demás creencias de los pueblos de habla Tupi y Guaraní, como Yby Marã Eyma e Yvy Marãey, es decir, desde “Terra sem Males” o “Terra Indestrutível” - hasta visiones del mundo y profecías como “La caída del cielo”. Aborda las dimensiones del buen vivir, desde su sentido religioso,

¹ Este texto é parte da Dissertação de Mestrado defendida na Universidad Interamericana, Assunção, Paraguai.

pasando por lo poético, por lo mítico y llegando a su relación con el desarrollo. Se remitea las nociones, creencias, cosmogonías, mitos y narrativas que hacen parte de las historias y culturas de los amerindios. Desde la promesa de vivir bien hasta la “Tierra de los males”, el artículo busca señalar la importancia de los pueblos indígenas en la constitución de esta otra posibilidad de existencia.

Palabras-clave: Narrativa poética, Cosmogonías, Pueblos indígenas.

Léguas e léguas de lá para cá e não se chega. Sozinho não se chega a nenhum lugar. Só se chega com os outros. Quem chega traz os olhos cansados, calos nos pés e uma sombra que não dorme e não deixa só. A memória é essa vizinha insone e inseparável. Entre sombras, entes, pensamentos que orbitam quando se escreve. Para caminhar junto com o enunciado do tópico acima se inicia com questionamentos acerca de quais são seus pressupostos, quem os fazem e os que fazem, e assim, desenvolver pequenos fragmentos de histórias, memórias, visões, ações e crenças dos povos indígenas em diferentes partes da Mãe América Latina.

São palavras e ou atividades, vivências individuais envolvidas em movimentos indígenas, sociais, artísticos, ambientais... Todos eles buscando estratégias para manter e valorizar suas identidades étnicas, tradições culturais e a mais diversificada sustentabilidade planetária baseada nas crenças/profecias/mitos dos povos indígenas. Bem Viver, Yby Marã'Eyma e Yvy Marãey.

Albó, antropólogo, linguista e jesuíta, que vive na Bolívia, depois de comentar acerca de uma série de oficinas internacionais que vão circular por diversas cidades e países e que mobiliza consigo a nova expressão de uma velha profecia que conceitua como “Bem viver/Viver bem”. Em geral, reflete uma cosmovisão e uma utopia: a maneira de perceber, sentir, entender, viver e projetar o mundo. E, mais adiante, Albó, concretiza (2016):

O tema central é saber conviver bem e em harmonia com todos os demais e com ênfase na abertura aos distintos pelo que seja:

Raça, idade, gênero, recursos e cultura, residência urbana ou rural, opções políticas, profissão, religião, etc.; todo ele, com uma convivência harmoniosa com o meio ambiente em seu sentido mais amplo. A chave do símbolo é um ninho para abrigar uma nova vida, feita com material coletado da floresta, mas também com resíduos da cidade. A vida envolve toda a natureza e sua evolução: as pessoas e os seres vivos em sua diversidade, a Mãe Terra, o Pai Sol, as velhas e novas estrelas e galáxias, todo o universo conhecido e por conhecer, vêm e vão. (ALBÓ, 2016, p.1, tradução livre)

Desse modo, nessa crença os povos indígenas seguem todos os dias, todas as noites. Debaixo da chuva ou expostos ao sol, em paz ou às vezes nas cadeias, no anonimato, nos meios de comunicação e redes sociais, porém, sempre lutando por terra, pão, teto, saúde,

educação... sempre adubando, semeando nos campos para que floresça o Bem Viver, a Yby Marã'Eyma, a Yvy Marãey e, que seja em todo lugar e momento na Terra Inteira!

Assim, as pessoas vão se encontrando em vários cenários, línguas, lugares, etnias, povos, homens, mulheres, anciãos, anciãs, jovens e crianças que vão olhando, se tocando e se perguntando com certa reciprocidade e reconhecimento de quem já caminharam ou já caminham juntos, juntas – talvez nunca tenham se visto, sobretudo há algo que lhes identificam. Uma luz, um aroma, uma semelhança de si no outro, do outro em si. E se perguntam e se respondem com uma voz, com um olhar, com toque humano que só existe na saudade, no sonho ou na fé e na esperança:

- De onde veem estas vozes?
- Das florestas, rios, campos, cordilheiras, favelas e cidades...
- De quem estão/estamos falando?
- Das crenças e lutas, das bênçãos e celebrações.
- Que pleiteiam?
- Viver bem. O Bem Viver. A Terra sem Males.

No “Encarte Pedagógico: Resistência - Na busca do Bem viver”, os Xukuru-Kariri divulgam uma Carta coletiva no Jornal Porantim (2013, p.8) Leia o seguinte fragmento: “A terra, para nós, não é objeto de negócio, de trocas. É um lugar sagrado que alimenta nosso sonho, nossa cultura para a construção do Bem Viver do nosso povo”. Senhor Antônio Selestino da Silva membro desse povo, conhecido por "seu Tonho", de 74 anos, destacou:

Somos um povo que sofreu barbáries desumanas. Pra gente não morrer, tinha que aceitar ser chamado de caboclo. Eu não sou caboclo, sou índio. Mas é justamente nas mortes e desaparecimentos dos nossos filhos e nos sacrifícios que nos foram impostos que nos inspiramos. A ambição e o egoísmo não fazem parte da gente. Nós já somos muito ricos. Só queremos viver como somos e vamos lutar até conseguir a nossa dignidade (PORANTIM, 2013, p. 8).

Ameríndios mantêm, imemorialmente, completa interatuação com a Mãe Terra. Uma só tessitura. As fibras, luzes, raios, espíritos, seres animados e inanimados, aromas, batismos, Um só Organismo – ‘Um mundo em que caiba outros mundos’. Tudo estava a mão como uma fruta, uma flor, uma folha e na caminhada pelas matas em ciclos de sóis, luas, águas e terras. Depois da novas luas e dos novos sóis, novos ciclos, ressurgências aqui-acolá vão botando da vida Indígenas de notável inteligência, força, coragem e luz...

...Aimbirê, Cunhambebe, Koakira e Pindobuçú (povo Tupinambá e participantes da Confederação Tamoio); Sepé Tiaraju e Marçal Tupã'I (povo Guaraní); TúpacAmaru (povo Inca); TúpacKatari (povo Kolla); Ajuricaba (povo Manaó); Maroaga (povo Waimirí-Atroarí); Mandu Ladino (povo Karirí); Ângelo Kretã (povo Kaingang); Ângelo Pankararé (povo Pankararé); Xicão Xukuru (povo Xukuru Kariri); Maninha Xukuru (povo Xukuru); Nísio Gomes (povo Guaraní-Kaiowá), entre outros.

Na atualidade: Raoni Metuktire (povo Metuktire); Davi Kopenawa (ovo Yanomami); Tuyra Kayapó (povo Kayapó); Sônia Guajajara (povo Guajajara); Babau Tupinambá (povo Tupinambá) e dezenas de outras lideranças, em várias sociedades indígenas e em diversos estados brasileiros.

Os indígenas sempre lutaram como se pode observar neste estudo e pesquisa quando se apresenta uma cronologia que diz respeito a essa assertiva. A “causa indígena” a “questão indígena” abraça sim as causas em que as pessoas sob qualquer hipótese sejam desprezadas do que lhe é seu: direitos à vida, à moradia, ao emprego, ao meio ambiente equilibrado, ao trabalho, às tecnologias, à educação básica e universitária. As lutas indígenas se dinamizam nesta sinergia com as demais lutas sociais dos povos indígenas e não indígenas. Justiça, alteridade, equidade para todos os filhos e filhas da Grande Mãe Natureza!

Com foco nas perspectivas históricas da educação na América Latina, começamos afirmando que os povos indígenas ou povos originários têm seus processos e educacionais em desenvolvimento por milhares de anos através da oralidade e, assim, dão continuidade e dinâmica aos seus ensinamentos, conhecimentos, regras, valores, identidade étnica, cosmogonias, medicina entre outros traços das respectivas tradições culturais de numerosos povos pré-colombianos, portanto, muito antes da assim chamada “conquista” deste continente pelos europeus.

Ensinar nas escolas as histórias e culturas dos povos indígenas é uma luta de professores indígenas e seus aliados. Os indígenas sabem como sustentar suas vidas, modus culturais, cuidar da semeadura, colheita, caça, cura de doenças, manutenção de suas cosmogonias e em sinergia com os fenômenos e mudanças climáticas, etc. No entanto, devemos destacar as práticas educacionais dos povos indígenas, porque nos processos de escolarização, desde a primeira colonização até o presente, fomos ensinados por uma educação eurocêntrica/colonial/capitalista que engendrou a invisibilidade dos povos indígenas, assim como negou suas inteligências, conhecimento, formas de organização,

cosmovisões e contribuições, etc. Sobre este aspecto observamos o que afirma Melià (1979, p.9):

O processo educativo nas sociedades indígenas apresenta diferenças tais, com respeito ao que se dá na chamada educação “nacional”, que às vezes se tem concluído que não existe educação indígena. Em outros, pressupõe-se que os índios não têm educação, porque não têm “a nossa educação”.

Quais são, então, essas perspectivas históricas da educação ou do ensino indígena? Entre eles, sempre houve mudanças permanentes por causa das batalhas, nomadismo, diásporas, em experiências simples, em lutas desiguais por direitos e por ações complexas interculturais e ou outras. Não se esqueça de que essas populações foram exterminadas ou subjugadas em longos processos de negação dos seus direitos e dificuldades de manter ou expressar sua identidade étnica, como até agora tornada invisível pela lógica de invadir a sua colonial, o sistema capitalista e neoliberal. Não havia misericórdia: havia batalhas, conquistas, ferro e fogo, cruz e arcabuz. Além disso, com suas aldeias destruídas e em uma luta permanente por sua autodeterminação e liberdade.

Existem leis e programas que trazem esse debate e buscam garantir esse direito em vários países da América Latina. Aqui, os povos indígenas da América Latina, especialmente na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador e México, não são passivos em face do fenômeno da descolonização. Eles lutam pelo cumprimento das leis, autonomia e ou retomada dos territórios tradicionais, afirmação étnica, manutenção e valorização das culturas. Um dos exemplos encorajadores é a “Universidade Intercultural de Povos e Nações Indígenas – UIAW – AmawtayWasi (Casa da Sabedoria)” no Equador, criada pelo movimento indígena deste país. Ferramenta poderosa na sustentação e troca do conhecimento ameríndio, como sugerido por Dávalos (2005, p.1):

Na construção do conhecimento entra em jogo uma complexa rede de relações políticas e lutas de poder que atravessam toda a sociedade, mas no caso dos povos indígenas a questão é ainda mais complexa porque sua visão de mundo, suas noções de sentido, seus critérios de validação, em uma palavra, sua episteme, são diferentes daqueles gerados pela modernidade ocidental.

Por isso, acreditamos na importância da educação, arqueologia, história, antropologia, sociologia, filosofia e da literatura indígena como uma contribuição para a (des)construção e descolonização da história que produzida pela escritocêntrica dos invasores, para construir

outra visão com uma perspectiva mais integradora destas sociedades em relação à sua ancestralidade, suas sociodiversidades étnicas e culturais. Assim, levando em consideração as contribuições desses autores em suas áreas de conhecimento e ou campo de atuação, bem como a legislação e outros referenciais teóricos. No caso do Brasil, entrou em vigor a Lei 11.645 de 2008, que, especificamente, determina o ensino das histórias e culturas dos povos indígenas.

Em virtude destas atitudes em prol do Bem Viver e em particular pelos povos originários, abaixo se destaca um trecho da fala de uma das maiores autoridades da Argentina em defesa dos povos originários, o escritor, antropólogo, investigador de educação e saudoso Carlos Martínez Sarasola, quando concedeu uma entrevista ao jornalista Facundo García, em 3 de julho de 2011, cujo título é: “Uma parte da população invisível e esquecida”, publicada na “Página 12”, Ele disse:

Os fenômenos se aceleram. Como dizia Rodolfo Kusch, "temos que perder o medo de sermos nós mesmos". Bem, de alguma forma está acontecendo. Sabemos que mais da metade dos argentinos tem genes nativos. Antes disso não foi dito nem se indagava. Além disso, há Evo Morales na Bolívia: um irmão que, com erros e acertos, mostrou que um homem pode ser respeitado pelos amautas – os sábios do seu povo – e simultaneamente conquistar a presidência de um Estado.
[...] Há certeza de que pertencemos a este continente. Somos americanos e ninguém nega que é essencial aprender a respeitar a nós mesmos (MARTÍNEZ SARASOLA, 2011, p. 12, tradução livre).

O autor deste estudo e investigação conheceu o Carlos em Buenos Aires por ocasião das pesquisas sobre os povos indígenas do continente latino-americano e, em particular, da Argentina, seu país. Ele “encantou-se” no dia 29 de maio de 2018, mas, tudo o que o conformara em sua passagem inigualável e amorosa sempre estará pulsando forte nos corações daqueles que o amaram em vida. Carlos Martínez Sarasola vive!

Seus livros são bússolas para se conhecer a História do seu país e dos seus “paisanos” – isto é, patrícios – como preferia saudá-los. Entre eles, destaco: “Nuestros paisanos los indios” (1992), “Los hijos de la tierra” (1998), “De manera sagrada y en celebración” (2010), “La Argentina de los caciques” (2012) e “Toda la tierra es una sola alma” (2014). Neste último resgata frases, pensamentos, reflexões, orações, canções de líderes, chefes, pajés (xamãs), curandeiros, pensadores, educadores, jovens, artistas.

Se observar sobre os bens culturais dos povos ameríndios são aspectos e produtos para além dos belos arcos e flechas, bordunas e tacapes, colares e cocares, pinturas

corporais e o petiguá, pajepetã ou xanduca (mesmo que cachimbo), medicina com argilas, ervas, fumos, fuligens, bebidas, mingaus, farinhas, Entretanto há um bem cultural – atemporal e bastante apreciado em todo território brasileiro – a mandioca – não somente por ser uma fonte de alimentação e de subsistência presente em todo espaço em que é cultivado, mas em todo o território. Há uma investigação acerca desta planta interessantemente abarcadora que apresenta sua forte valorização conduzida pelo professor Guimarães (2014, p. 22):

Além desses aspectos quantitativos, a cultura da mandioca representa um traço diacrítico cultural e marca da identidade étnica entre povos indígenas, comunidades quilombolas, populações rurais e urbanas em todo o País, apresentando uma considerável importância histórica, econômica e social. Caracteriza, assim, um conjunto de práticas, relações sociais, cosmologias e representações simbólicas, que expressam significados cujos conteúdos revelam o seu grande valor na vida de diferentes segmentos da população brasileira.

Guimarães (2014) vem pesquisando e dialogando sobre uma série de repercussões deflagradas sobre esta preciosa planta. O autor desse estudo e investigação foi um menino lavrador junto à sua mãe e irmãos, parentes e amigos. Ele encoivou a terra, plantou maniva, cultivou a mandioca e ao arrancá-la, a cevou e dela fez farinha, tapioca, beiju e os vendeu na feira. De manhazinha plantava mandioca. Nas noites de lua cheia ou sem ela, fazia farinha. E nas manhãs seguintes voltava a coletar a maniva e a plantava para num outro dia, começar tudo de novo na cultura da mandioca.

O professor Guimarães tem se instigado em sua pesquisa e proposta uma rica reflexão e discussão sobre essa sagrada planta. Afinal, quem neste país não teve contato com a mandioca de alguma forma ou degustado as maravilhosas receitas de beijus e mingaus? Sobretudo, muito se tem preocupado com a valorização das identidades e tradições aborígenes e com as florestas e sustentabilidade deles e de nós. Somos um com a Mãe Terra.

A voz indígena de Davi Kopenawa (2015) na epígrafe da obra “A queda do céu” em parceria com Bruce Albert, entre profecia, contemplação e criticidade, ele alerta:

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai e desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficis, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando

não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.
(KOPENAWA, 2015, p. 6)

Estamos, cotidianamente construindo o Memorial da Ameríndia, cuja cronologia de mortes e violências – as mais cruéis – não se pode esquecer homens e mulheres que foram mártires de seus povos e em favor da liberdade. Não se pode esquecer jamais, da crença do “Viver bem o Bem Viver” é mais forte que antes. No Jornal Porantim (2015, p. 3), a voz indígena Guaraní-Mbyá, evocou:

Nossos velhos e nossas mulheres mais antigas sempre nos diziam que antes dos brancos chegaram tínhamos o Bem Viver completo: tínhamos mata, rios, peixes, caças, frutas nativas. Isso para nós é o Nande Rekó, é o jeito de viver guaraní.

A relação do humano com a terra e seus entes tangíveis e intangíveis é telúrica, apaixonada e marcada por uma espiritualidade inspiradora. Entre os habitantes das florestas de diversos povos e etnias essa coexistência é um ponto decisivo de suas vidas. No Jornal Porantim (2015, p. 3) a voz indígena Tupinambá está afinada assim:

Todas as ações do povo Tupinambá são feitas sempre visando a conquista de nossa terra. Na organização do nosso povo, o que desejamos é uma Terra sem Males, sem dor, sem sofrimento, com muita harmonia, levando em conta a questão do Bem Viver. Buscamos harmonia com a floresta e com todos os animais que nela existem. O Bem Viver também depende da espiritualidade que cultivamos. E nós, os Tupinambá, chamamos sempre por Tupã e sempre invocamos nossos Encantados.

A felicidade de contatar os modos de vida indígena envolve com essas crenças e fazem aprofundar sobre suas existências e concepções, rezas e pajelanças, rituais e palavras que movem seu ser e viver. Em seguida serão apresentadas um pouco do pensamento de um dos imprescindíveis aliados dos povos nativos da ameríndia que diz respeito a uma mística na visão de Paulo Suess (2010) em que alude ao paradigma SumakKawsay que é de origem Kuechwa, cujo significado é "Bem Viver":

A construção do bem-viver é uma construção cultural (não natural). Quem quer construir o bem-viver, é contracultural. Essa construção significa: - descolonizar as instituições políticas, - desmercantilizar os saberes, a fé, a escola, saúde, - desprivatizar o que deve ser de domínio público, - na patologia da aceleração somos o freio de emergência (SUESS, 2010, p. 3).

No acercamento de contribuições que têm animado ações, poesias, programas de rádios, artigos, livros, espetáculos, textos acadêmicos para se referenciar os indígenas que não deveriam ser apagadas as suas histórias e culturas e nem invisibilizados onde quer que estivessem ou estejam. Aos poucos se vai conhecendo as diásporas sofridas e suas buscas de estratégias de sobrevivência e de reconexão para reconhecer, reencontrar os traços destruídos nos desiguais processos históricos.

Quanto às profecias Yby Marã'Eyma e Yvy Marãey, no Marco Teórico não serão aprofundadas, pois seu tratamento extrapola o que para aqui está proposto, porém faremos uma breve imersão em linhas gerais sobre estas crenças/profecias que por séculos e séculos guiam os povos de línguas Tupí e Guaraní entre outros que as promulgam.

Os aborígenes em todo o planeta apresentam em suas narrativas intensa conexão com O Grande Espírito o qual tem muitos nomes. Para Ele fazem festas com muitos cantos e danças da mais tamanha devoção como desejando unir terra e céu em completa celebração.

Os Yanomami que falam de uma profecia/mito de milhares de anos acerca da destruição planetária agravada com tantas enfermidades, fenômenos climáticos, corrupções, violência descontrolada, tráfico de drogas, armas e de órgãos humanos, contaminação das águas e alimentos. Esta profecia/mito Yanomami em certo trecho formula uma curiosa semelhança com o versículo do livro Apocalipse (6:12e 13) da Bíblia. Confira os dois a seguir:

– **Apocalipse:** “O sol escureceu como tecido de crin negro, toda a lua se voltou roxa como sangue, e as estrelas do céu caíram sobre a terra”.

– **Yanomami:** “Quando morrerem os últimos pajés o céu cairá sobre a terra. Também o sol e as estrelas cairão e tudo vai escurecer”.

Semelhantemente há em outros livros da Bíblia. Em Gênesis fala sobre as maravilhas da criação do universo, por exemplo, e, sobre Canaã, a Terra Prometida, de onde jorra “Leite e mel” que aproxima das passagens das profecias/crenças da “Terra sem Males” dos Tupí e dos Guaraní.

Então, nesta aura do “Bem Viver – Viver Bem” que nos remete às noções, crenças, cosmogonias, mitos e narrativas que fazem parte das histórias e culturas dos ameríndios. Neste caso, a partir da análise das crenças das comunidades da etnia Mbyá-Guaraní, desde o **Ayvu Rapyta**, que fala da **Yby Marã Eyma** e ou da **Yvy Marãey**, isto é, da “Terra sem Males” ou “Terra Indestrutível” é a narrativa de um mito e ou profecia dos povos falantes

Tupí e Guaraní, esperançado comoventemente entre os Guaraní, Guaraní-Apapakúva e Guaraní-Mbyá. Há uma compilação destes textos míticos aportados pela etnologia feita pelo antropólogo paraguaio, León Cadogan (1992).

Esta profecia/mito é um marco religioso. Esta dimensão é mais imperativa para os indígenas das populações de matrizes Tupí e Guaraní. Ela é o planejamento de tudo o que há no mundo, tudo o que permeia a terra, o céu e todo o misterioso tempo, espaço, divindade(s), passado, presente e futuro. O Bem e o Mal que afetam a passagem humana e a todos os seres de pés, alados, vegetais, minerais, sólidos e líquidos, etc. Leia abaixo um trecho de um texto emblemático, poético, simples, complexo, misterioso acerca deste mito e ou profecia (Leia o texto na íntegra no Anexo IX):

– há o convite para cantar com todos os povos da Terra Inteira ler a poesia “Caminho que a gente é”, que abaixo se apresenta de autoria de uma pessoa que, amorosa e corajosa em Cristo, sempre entregou sua vida em defesa de todos os oprimidos, isto é, o ex-bispo, Dom Pedro Casaldáliga. (2015):

CAMINHO QUE A GENTE É
(Dom Pedro Casaldáliga)

Retirante sócaminho é quehá.

Terra de roça e morada não tem mais.
Os sete palmos de outrora nem todos vão encontrar!

Retirante, caminheiro, só caminho é que há.

Caminho que a gente é, caminho que a gente faz: Paraviver,
Paraandar;
para outros caminheiros se ajuntar. Caminho para os parados se animar. Para os perdidos, de
novo achar.
Para os mortos não faltar!

Caminho que a gente é, caminho que a gente faz.

Se tem cerca, não tens braços
e facão para corta?
Se a noite fechou-te o rumo, procura junto aos irmãos: coração em companhia, sempre
encontra seu luar.

Deus é Deus em tudo e sempre.
A história, a gente faz, lavrando no dia-a-dia nossa hora e seu lugar.

(PORANTIM, 2015, p.16)

Enfim, com alma forte e amor vibrem os maracás, toquem as flautas e tambores e entoem os cantos pelo Bem Viver e pelo ensino das histórias e culturas ameríndias!

Referências bibliográficas

ALBÓ, Xavier. Buen vivir/Vivir bien. **Boletín Virtual**, n. 626, Año 15, 2016. Disponível em: <http://www.alainet.org/es/articulo/176358>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

CADOGAN, León. **Ayvu Rapyta**; textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá, Asunción, CEADUC-CEPAG, 1992. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/130577>. Acesso em: 1 abr. 2018.

DÁVALOS, Pablo. **Movimiento indígena ecuatoriano**: construcción política y epistémico. In: Cultura, política y sociedad Perspectivas latinoamericanas. Daniel Mato. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/mato/Davalos.rtf>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

GARCÍA, Facundo. **Una parte de la población fue hecha invisible y olvidada**. Entrevista con el antropólogo Carlos Martínez Sarasola, 2011. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/17-22178-2011-07-03.html>>. Acesso em: 2 jan. 2016.

GUIMARÃES, Francisco Alfredo Morais. Povos indígenas no Brasil e as lições da floresta cultural: a revolução da cultura da mandioca na economia do atlântico sul e no continente africano. **Pontos de Interrogação**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1680/1113>>. Acesso em: 7 fev. 2017.

KOPENAWA, D. ALBERT, B. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami/Davi Kopenawa e Bruce Albert. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARTÍNEZ SARASOLA, Carlos. **De manera sagrada y en celebración**. Identidad, cosmovisión y espiritualidad en los pueblos indígenas. Buenos Aires: Biblos, 2010.

MARTÍNEZ SARASOLA, Carlos. Uma parte de la población fue invisibilizada y olvidada. Página 12, 2 de Jul de 2011. Acesso em 19.10.2017. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/17-22178-2011-07-03.html>.

MARTÍNEZ SARASOLA, Carlos. **Toda la tierra es una sola alma**. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2014.

MÉLIÀ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

PORANTIM. Brasília, n. 358, set. 2013, p. 8 (Em busca do Bem Viver), 2000.

PORANTIM. Brasília, n. 381, p. 3 (Encarte Pedagógico X - O Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade), 2015.

PORANTIM. Brasília, n. 381, p. 16 (Poema Caminho que a gente é, de Dom Pedro Casaldáliga), 2015. Disponível em:
<https://www.cimi.org.br/pub/Porantim/2015/Porantim381_dez2016.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.

SUESS, Paulo. Elementos para a busca do BemViver(SumakKawsay) para todos e sempre, 2010. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&action=read&id=5166>>. Acesso em: 26 fev. 2017.